

Crianças indígenas em escolas da cidade

Children indigenous in city schools

Carlos Magno Naglis Vieira

Mestre e Doutorando em Educação pela PPGE/UCDB.
Bolsista CAPES/Prosup. Pesquisador do Grupo de Pesquisa
Educação e Interculturalidade. E-mail: cmhist@hotmail.com

SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarak. *Vozes infantis indígenas: as culturas escolas como elementos de (des) encontros com as culturas das crianças Sateré-Mawé*. Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2011.

A resenha apresentada destaca a relevância e a contribuição da obra de Roberto Sanches Mubarak Sobrinho, *Vozes infantis indígenas: as culturas escolas como elementos de (des) encontros com as culturas das crianças Sateré-Mawé*, para os estudos no campo da Educação Brasileira Contemporânea com crianças indígenas em escolas na cidade.

A obra publicada em 2011, pela Editora Valer, é fruto da pesquisa de doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com base em estudos no campo da Educação, trata-se de um estudo que resultou na primeira tese de doutorado nesse campo de conhecimento, com essa temática. Por isso podemos ousar em afirmar que o livro torna-se uma leitura fundamental para os futuros pesquisadores (alunos de Graduação, Mestrado e Doutorado) que dedicam seus trabalhos ao campo de pesquisa com criança indígena em contexto urbano.

O docente do Programa de Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), escreve de maneira agradável e conduz o leitor a adentrar, “refletir e conhecer, da maneira mais próxima do seu mundo cotidiano, a infância das crianças Sateré-Mawé” (p. 13), em escolas da cidade de Manaus, AM. Nessa tessitura de uma grande rede de pesca que foi a construção desse livro, o autor não procura se prender a uma área específica do conhecimento, na intenção de entender o objeto de pesquisa, mas estabelece um diálogo de forma interdisciplinar com outros campos do conhecimento (História, Sociologia, Antropologia e Pedagogia) nos quais o tema da infância e da criança é visto como de agentes sociais.

Na tentativa de investigação dos objetivos propostos, Sobrinho apoiado em uma abordagem qualitativa, utiliza-se de procedimentos metodológicos, como a etnografia, a observação participante, a

entrevista e análise documental. Segundo o autor, isso se tornou necessário, no sentido de “visualizar de forma mais clara o universo desse grupo social da infância, ou seja, as crianças Sateré-Mawé” (p. 37). Esses procedimentos teóricos e metodológicos podem ser observados no decorrer dos capítulos que foram assim divididos e intitulados:

O capítulo *Trilhas construídas e em construção* apresenta a trajetória do pesquisador, os diálogos, os movimentos, as articulações com os diversos campos do conhecimento, as questões norteadoras e os caminhos investigativos que resultaram na construção da tese, na qual se originou o livro. Nesse espaço do texto, o autor ainda destaca que, apesar do crescimento das produções acadêmicas relacionadas à temática indígena, os estudos com crianças não têm merecido uma atenção por parte dos pesquisadores. Devido a essa questão, Sobrinho descreve que sentiu necessidade de uma ampla revisão de literatura para melhor conhecer o campo e amadurecer seus argumentos de pesquisa.

No capítulo a *Infâncias/Crianças indígenas nas cidades: um campo de pesquisa em construção*, o autor proporciona ao leitor uma “cartografia” da expressiva quantidade de trabalhos publicados nos últimos anos com relação aos temas da infância e da criança indígena, no sentido de fornecer subsídios para a constituição do campo de pesquisa. Com a leitura do texto fica evidente o esforço do autor no levantamento do material em bibliotecas, bancos de teses de Programas de Pós-Graduação em Educação, Antropologia e outras áreas,

páginas eletrônicas de periódicos e eventos acadêmicos como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Anpocs e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/Anped.

Esse exaustivo trabalho realizado pelo pesquisador nos faz caminhar por leituras que traçam um contorno da criança ao longo dos tempos (o do francês Philippe Áries), desconstruindo a visão adultocêntrica a qual impede de perceber e “compreender os processos próprios de construção das culturas infantis” (p. 69). E estudos de pesquisadores brasileiros, tais como Ângela Nunes, Clarice Cohn, Antonella Tassinari, Adir Casaro Nascimento, Ana Maria Rabelo Gomes e outros, apresentam a criança indígena como ser ativo, capaz de reinventar e criar sentidos. Assim, todas essas produções aparecem nos caminhos investigativos em que se fundamentou a construção da tese, do início ao fim, o que representa para o autor uma

[...] possibilidade de sedimentação de um campo de pesquisas com crianças indígenas nas cidades, principalmente por apontar o crescimento da literatura e por definir os contornos centrais para que os estudos com este grupo social da infância tenham [...] maior visibilidade e vigilância no trato com as questões teórico-metodológicas que envolvem as pesquisas e na possibilidade de novas práticas sociais e educativas (p. 124).

Na terceira parte, intitulada *As crianças Sateré-Mawé: infâncias em espaços de disputa*, o autor começa adentrar

no cotidiano das crianças indígenas, o que possibilita perceber suas vozes, embora tímidas, mas fundamentais e relevantes para a construção da relação de convívio entre o pesquisador e as crianças e para o desenvolvimento da tese. Segundo Sobrinho, foram oito meses de uma longa e promissora possibilidade de “viver juntos”, ou seja de realizar a pesquisa etnográfica (p. 127).

A pesquisa etnográfica proporcionou ao pesquisador uma visão mais ampla da temática indígena na cidade e do universo da criança indígena em contexto urbano no município de Manaus, AM. Nesse capítulo, o texto apresenta a comunidade indígena, o contexto geográfico do local, a relação entre índios e não-índios, o motivo da migração da aldeia para a cidade e direciona sua atenção para as atividades desenvolvidas pelas crianças na aldeia, destacando especificamente as brincadeiras, os desenhos e as músicas. Ainda nesse espaço, o autor mostra que as crianças indígenas que nasceram na cidade afirmam sua identidade Sateré-Mawé, até mesmo quando a escola tenta silenciá-las e invisibilizá-las ou mesmo quando elas escondem suas identidades “para se proteger dos preconceitos e da violência simbólica que acontece fortemente no espaço escolar” (p. 184).

Os discursos instituídos nas escolas de Manaus, AM com relação à criança Sateré-Mawé é o debate do quarto capítulo intitulado de *A escola pública e sua representação acerca da criança indígena*. Nessa parte do texto, o autor descreve alguns elementos da pesquisa realizada em duas

escolas públicas como objetivo de investigar o “processo de inserção da criança indígena nessas instituições”. Assim, pautado nesse objetivo, o pesquisador apresenta os “discursos instituídos pelos elementos que conferem legitimidade a cultura escolar” (p. 187).

Nessa seção do livro, percebemos a dificuldade do pesquisador em identificar as crianças indígenas matriculadas nas duas escolas onde foi realizada a pesquisa. Segundo Sobrinho, existe por parte dos funcionários das unidades escolares um

[...] receio em passar informações sobre a presença dessas crianças. Nos diversos discursos, os funcionários afirmam que essa identificação não é possível, porque uma vez que as crianças ingressam a escola, elas se misturam às outras não havendo diferenciação por parte do corpo docente e discente [...] (p. 193).

Durante o período de pesquisa, o autor percebeu uma ação inversa nas atitudes, nos discursos e nas manifestações dos funcionários, professores e alunos da escola. Além de as propostas pedagógicas das escolas não respeitarem os saberes que as crianças indígenas trazem consigo, o pesquisador identificou muitas visões preconceituosas, discriminatórias e falas que demonstram ser um problema a presença das crianças Sateré-Mawé nas escolas, principalmente no que corresponde ao comportamento e ao ensino e aprendizagem. Para alguns professores e funcionários entrevistados, o fato de as crianças indígenas serem portadoras de uma cultura com elementos tradicionais

diferenciados é o que dificulta seu dia a dia no espaço escolar, ocasionando a invisibilidade desses meninos e meninas indígenas.

Em *Os lugares entre as culturas infantis e os saberes da escola: os (des) encontros*, o autor estabelece “a partir das falas das crianças, o cruzamento entre os saberes vividos por elas no cotidiano de sua comunidade e os saberes instituídos pela escola” (p. 229). Nesse capítulo, o pesquisador chama atenção para a visão etnocêntrica de ciência, a qual regula, oprime e provoca a negação da vivência comunitária e os elementos do grupo étnico das crianças indígenas. Na intenção de explicar esse argumento, Sobrinho apresenta as crianças Sateré-Mawé e dialoga, com os autores Manuel Jacinto Sarmiento, Clarice Cohn e outros.

Nesse universo da infância Sateré-Mawé, o autor mostra que

[...] compreender como vivem e pensam as crianças [...], entender suas culturas, seus modos de ver, de sentir e de agir e escutar seus gostos ou preferências é uma forma de poder compreendê-las como grupo humano [...]. (p. 231).

Ainda nesse contexto, Sobrinho descreve que é “preciso tirar as crianças da condição de objetos, para deixá-las advir como agentes de sua própria ação e discurso” (idem). Assim, para apresentar todas essas questões levantadas, o autor, pautado em Sarmiento (2006), aponta quatro elementos que foram observados no cotidiano das crianças Sateré-Mawé

no período de pesquisa: a interatividade, a ludicidade, a fantasia real e a reiteração.

Após uma tentativa de compreender a infância das crianças indígenas Sateré-Mawé, surge como assunto no bojo da discussão, o debate entre a cultura escolar e a cultura Sateré-Mawé. Como a leitura já vinha sinalizando algumas pistas com relação a essa questão, o texto apenas ressalta ao leitor os constrangimentos que as crianças indígenas sofrem por não conseguirem expor as experiências do cotidiano de sua comunidade e não ter um espaço para mostrar às outras crianças da escola a cultura de seu povo.

Direcionando seu discurso para uma conclusão, o autor descreve as dificuldades em estudar sociedades indígenas atuais, do ponto de vista etnográfico, ressalta alguns detalhes importantes da cultura Sateré-Mawé como o falar a língua e o papel que as crianças possuem na organização da comunidade e finaliza apontando que a presença das crianças indígenas não se restrinja somente a um espaço como aluno, mas que ela seja “parceira na consolidação desse projeto de escola indígena na cidade” (p. 262).

Como se trata de um primeiro livro com a temática criança indígena em escola da cidade, podemos ressaltar mais uma vez a relevância da obra *Vozes infantis indígenas* para o campo de pesquisa, principalmente pelo rigor do texto acadêmico e pelas ricas informações que o material traz para as futuras pesquisas. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ficar atento para as inúmeras lacunas a serem preenchidas sobre o tema. Nesse sentido, a leitura do

livro torna-se um convite para futuros pesquisadores se aventurarem nesse universo da temática da criança indígena em contexto urbano.

Recebido em maio de 2011.

Aprovado para publicação em junho de 2011.

